

Escatologia “Segundo Deus”

C. Naaktgeboren*

Compilado em 2022-04-26 às 02:58:02h (UTC) - Revisão 0

Resumo

Aqui vai o resumo.

Licença



<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>

Conteúdo

1	Introdução	2
1.1	Escatologia “Segundo Deus” — Definições . . .	4
1.2	Objetivos Gerais	6
1.3	Axiomas	6
1.4	Princípios Bíblicos	7

*C. Naaktgeboren <bibliashare@gmail.com>

2	Princípios Bíblicos Para Escatologia “Segundo Deus”	8
2.1	Da Unicidade da Realidade do Princípio ao Fim	8
2.2	Da Verdade Das Profecias Divinas	9
2.3	Profecias Divinas Como Promessas	10
2.4	Da Verificabilidade Das Profecias Divinas	11
2.5	Deus Vela Sobre Sua Palavra Para a Cumprir . .	11
2.6	Cumprimento Literal ou Alegórico?	12
2.7	Da Tradição de Deus	15
3	Algumas Implicações	18
4	Conclusão	20

1 Introdução

O assunto de *escatologia bíblica* — que é o estudo das profecias bíblicas, ou, etimologicamente, a junção de ἔσχατος, que, segundo Bailly [4, pp. 817-8], significa: “*o que está na extremidade, no extremo, no final; tanto nos sentidos espacial quanto temporal; portanto: as últimas coisas*”¹, juntamente com -λογία: palavras [6] (estudo), a saber: o estudo das últimas coisas, com base na Bíblia — mostra, na atualidade, uma grande variedade de visões de mundo, com vertiginosas disparidades e irreconciliáveis incompatibilidades de conclusões a que chegam os diferentes estudos, os quais, *supostamente*, empregaram as mesmas Escrituras como base.

Percebe-se um contraste aberrante entre aquilo que as Escrituras Sagradas revelam acerca do “**único Deus verdadeiro**” Jo 17.3 (ARA) [1] com o atual estado de coisas da escatologia

¹Qui est à l’extrémité, extrême, dernier ... **II** (avec idée de temps): ... dernier.

bíblica. Diagnostica-se, com isso, não apenas um cenário lamentável para a cristandade, mas também um atestado dos efeitos de uma batalha entre luz e trevas, entre verdade e engano, no qual o engano parece estar colhendo do muito que semeou.

Porém, as Escrituras trazem a seguinte exortação:

“esforçando-vos diligentemente por preservar a *unidade do Espírito* no vínculo da paz; há somente *um corpo e um Espírito*, como também fostes chamados numa *só esperança* da vossa vocação; há *um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos*, o qual é sobre todos, age por meio de todos e *está em todos*.” — Ef 4.3 (ARA) [1]

Desta porção, já se pode concluir que a mera existência de uma grande multiplicidade de escatologias, com conclusões mutuamente incompatíveis e irreconciliáveis *não é fruto da ação de Deus no corpo*, porém, certamente do inimigo de nossas almas, através de homens de artimanha, os quais com astúcia induzem ao erro, conforme o que está escrito:

“E a *graça* foi concedida a cada um de nós segundo a *proporção do dom de Cristo*. E ele mesmo concedeu uns para *apóstolos*, outros para *profetas*, outros para *evangelistas* e outros para *pastores e mestres*, com vistas ao *aperfeiçoamento dos santos* para o *desempenho do seu serviço*, para a *edificação do corpo de Cristo*, até que todos cheguemos à *unidade da fé* e do *pleno conhecimento do Filho de Deus*, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo, para que *não mais* sejamos como *meninos*, *agitados de um lado para outro e levados ao redor por todo vento de doutrina*, pela

artimanha dos homens, pela astúcia com que induzem ao erro.” — Ef 4.7,11-14 (ARA) [1]

Creio, assim, não apenas na *existência*, mas também na *possibilidade* de abordagem da escatologia (assim como de qualquer assunto da Palavra de Deus), pelo dom de Cristo, de modo a formar o são e correto ensino; a chegar nas conclusões verdadeiras, no sentido verdadeiro das profecias, “segundo o propósito daquele que faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade” Ef 1.11 (ARA) [1], pois que também a Escritura testifica, por meio de Moisés:

“Porque este mandamento que, hoje, te ordeno não é demasiado difícil, **nem está longe de ti. Não está nos céus**, para dizeres: Quem subirá por nós aos céus, que no-lo traga e no-lo faça ouvir, para que o cumpramos? **Nem está além do mar**, para dizeres: Quem passará por nós além do mar que no-lo traga e no-lo faça ouvir, para que o cumpramos? Pois **esta palavra está mui perto de ti**, na tua boca e no teu coração, para a cumprires.” — Dt 30.11-14 (ARA) [1]

1.1 Escatologia “Segundo Deus” — Definições

Tem-se em mente uma abordagem escatológica “segundo Deus”², feita “à maneira de Deus;” aquela que, baseada unicamente em verdade, é conduzida em retidão e chega à verdade, a saber, ao que o próprio Deus tem reservado para o futuro e vem anunciando desde o princípio:

²A expressão “segundo Deus” também aparece em 1Pe 4.6 e três vezes em 2Co 7.9-11.

Definição 1 (Escatologia “Segundo Deus”). *A escatologia “segundo Deus” é aquela feita “segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade” Ef 2.24 (ARA)[1].*

Passa-se também à definição de escatologia com erro — entendido como qualquer violação direta de qualquer um ou mais preceitos das Escrituras — ou escatologia com engano, ou enganosa, que não é segundo Deus:

Definição 2 (Escatologia Com Erro). *Seja a escatologia com erro, aquela que incorre em erro, seja em suas premissas, métodos, processos, ou conclusões.*

É imperioso perceber, dadas estas definições, que não há *suporte* para eventual terceira possibilidade, ou “meio-termo” — significando que para uma dada escatologia ϵ_i , $i \in \{1, 2, 3, \dots\}$, ou ela é “segundo Deus” ou ela é “com erro,” pois se (i) ϵ_i incorrer em erro (contiver erro), não será “segundo Deus”, pois está escrito:

“Não vos escrevi porque não saibais a verdade; antes, porque a sabeis, e porque **mentira alguma jamais procede da verdade.**” — 1Jo 2.21 (ARA)[1]

ou se (ii) ϵ_i não contiver erro, terá sido feita “segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade” Ef 2.24 (ARA) [1] e será, portanto, “segundo Deus”.

As Definições 1 e 2 dadas são úteis na *classificação* de escatologias que **devem ser abandonadas** por membros do corpo de Cristo (à luz de Ef 4.7,11–14, já citado), e aquela, “segundo Deus”, que **deve ser guardada** e também *crida, ensinada e propagada*.

As Definições 1 e 2 dadas, no entanto, não são necessariamente de fácil ou consensual aplicação, especialmente em um cenário — o atual — no qual proliferam, não apenas diferentes visões de mundo, mas igualmente, erros grosseiros nas diferentes abordagens escatológicas.

De um ponto de vista prático, a existência de *princípios mais facilmente verificáveis*, e que sejam *indispensáveis* a estudos proféticos “segundo Deus”, são mais imediatamente aplicáveis, e, portanto, desejáveis, do que as Definições 1 e 2 dadas.

1.2 Objetivos Gerais

Este estudo objetiva *identificar* e *enunciar*, em acordo com as Escrituras, *princípios bíblicos* tidos por *indispensáveis* para que uma escatologia ϵ_i , que fielmente os siga, *possa ser* “segundo Deus”, isto é, princípios bíblicos *necessários*, porém *não suficientes* a que a escatologia que os siga tenha possibilidade de ser “segundo Deus”.

1.3 Axiomas

O assunto já delineado será estudado com base nos seguintes axiomas:

1. Há um só Deus;
2. As Escrituras Bíblicas são Palavra deste Deus;
3. As Escrituras Bíblicas são verdade.

Entende-se por “Escrituras Bíblicas” o conjunto coeso de 66

livros, composto pelos 39 livros da Bíblia Hebraica e pelos 27 livros do Novo Testamento Cristão.

1.4 Princípios Bíblicos

Desta forma, este estudo procura identificar *princípios bíblicos*, deduzidos exclusivamente à partir das Escrituras, que sejam *indispensáveis* a estudos bíblicos proféticos “segundo Deus”, porém *não suficientes*. Assim, estudos bíblicos proféticos “segundo Deus” **não violam nenhum** dos princípios, pois são, segundo a Definição 1, “basead(os) unicamente em verdade e conduzid(os) em retidão”.

Por outro lado, se um dado estudo escatológico ou profético demonstradamente violar *qualquer um* dos *princípios bíblicos*, em tal estudo haverá engano e mentira, que se propagarão às conclusões do estudo, tornando tal estudo em escatologia enganosa pela Definição 2.

Assim, se um estudo *não viola* qualquer princípio das Escrituras a ser aqui identificado, tal estudo *tem possibilidade* de ser “segundo Deus”, mas não necessariamente a garantia. Já aqueles que violam qualquer princípio das Escrituras, necessariamente são enganosos. Aqui reside uma grande utilidade dos princípios: na identificação cabal de erros. Há ainda outra, como balizadores do que se deve fazer ou evitar em estudos em curso.

2 Princípios Bíblicos Para Escatologia “Segundo Deus”

Antes de empreender qualquer abordagem no assunto de profecias, é de extrema importância identificar e pautar-se no que as Escrituras afirmam sobre Deus e sobre si mesmas, em conexão ao estudo de profecias.

Busca-se, por intermédio das Escrituras, derivar os “princípios bíblicos” já introduzidos. O estudo não pretende ser exaustivo, nem arroga-se aqui a obtenção da lista completa, haja vista que já se falou da necessidade e da insuficiência dos mesmos para provar que um estudo é “segundo Deus”.

2.1 Da Unicidade da Realidade do Princípio ao Fim

As Escrituras *sempre são assertivas* em relação à *realidade* e à *história*, a exemplo de:

“E fez Deus a expansão e fez separação entre as águas que estavam debaixo da expansão e as águas que estavam sobre a expansão. **E assim foi.**” — Gn 1.7 (ARC) [2]

A sentença: “**E assim foi,**” indica uma **realidade e história únicas** — “assim,” e não de outra forma — de modo que o espaço-tempo dos “**céus e terra**” possui **unicidade**, significando uma *única realidade*, uma *única história* e um *único futuro*.

Corroborar com a revelação da unicidade da realidade do princípio ao fim, a declaração Divina:

“Lembrai-vos das coisas passadas desde a antiguidade: que **eu sou Deus, e não há outro Deus**, não há outro semelhante a mim; que **anuncio o fim desde o princípio** e, desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam; que digo: **o meu conselho será firme, e farei toda a minha vontade;**”
— Is 46.9,10 (ARC) [2]

Portanto, a capacidade de anunciar, **acertadamente** “coisas que ainda não sucederam” é um *atributo de Deus, que o distingue de todos os demais*, conforme o: “**não há outro semelhante a mim**”. Ainda, o que Deus anuncia, pela sua Palavra, é “**o fim desde o princípio**” — note: “o fim,” e não uma multiplicidade de ‘possíveis’ fins.

Está demonstrado, então, a *unicidade da realidade do princípio ao fim*, para a qual se define:

Definição 3 (Princípio da Unicidade da Realidade). *Existe apenas uma ÚNICA REALIDADE, uma ÚNICA HISTÓRIA e um ÚNICO FUTURO, que se realizará.*

2.2 Da Verdade Das Profecias Divinas

O Senhor Deus, ao reiterar seus atributos a Judá, por meio do profeta Isaías, o faz de forma *taxativa*:

“Porque assim diz o Senhor, que **criou os céus**, o Deus que **formou a terra**, que **a fez e a estabeleceu**; que não a criou para ser um caos, mas para ser habitada: **Eu sou o Senhor, e não há outro.**”
— Is 45.18 (ARA) [1]

Sabemos, pela Carta aos Romanos, que “os atributos invi-

síveis de Deus, assim o seu **eterno poder**, como também a sua **própria divindade**, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo **percebidos** por meio das **coisas que foram criadas**.” Rm 1.20 (ARA) [1], de sorte que hoje sabemos que Deus está a evocar Seus atributos de “**eterno poder, como também a sua própria divindade**” ao declarar-se Autor de céus e terra, quando falou por meio do profeta Isaías.

Ainda, Deus segue, por meio do profeta:

“Não falei em **segredo**, nem em lugar algum de **trevas** da terra; não disse à descendência de Jacó: Buscai-me em vão; **eu, o Senhor, falo a verdade e proclamo o que é direito**.” — Is 45.19 (ARA) [1]

Aqui é acrescentado que a revelação de Deus não foi secreta e com o bendito testemunho: “**eu, o Senhor, falo a verdade e proclamo o que é direito**”.

Assim, está diretamente declarado nas Escrituras que as proclamações de Deus por intermédio de seus profetas — a saber, *todas as profecias* — *são verdade e direito*.

Definição 4 (Princípio da Verdade das Profecias Divinas). *Todas as profecias divinas são verdade e direito*.

2.3 Profecias Divinas Como Promessas

“E assim, depois de esperar com paciência, obteve **Abraão a promessa**.” — Hb 6.15 (ARA) [1]

A veracidade das profecias divinas implica em certeza de seu cumprimento, portanto *as profecias divinas são promessas divinas*, mas quais pode-se esperar — “**É o caso de Abraão, que**

creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça.” Gl 3.6 (ARA) [1].

Definição 5 (Princípio das Profecias Como Promessas). *Todas as profecias divinas são promessas divinas, nas quais pode-se esperar.*

2.4 Da Verificabilidade Das Profecias Divinas

Sendo a realidade única e as profecias sempre verdadeiras; com a passagem do tempo, aquilo que antes era futuro, a saber, as “coisas que ainda não sucederam” Is 46.10ARC, uma vez chegado seu tempo e cumpridas, podem ser assim testemunhadas, ou verificadas, pelos homens. Tais exercícios de constatação são frequentemente registrados nas Escrituras:

“Nenhuma promessa falhou de todas as boas palavras que o Senhor falara à casa de Israel; tudo se cumpriu.” — Js 21.45 (ARA) [1]

“Nenhuma promessa falhou” / “tudo se cumpriu.” — as profecias divinas são verificáveis a seu tempo. Que maravilha!

Definição 6 (Princípio da Verificabilidade Das Profecias Divinas). *Todas as profecias divinas cumprem-se a seu tempo, após o qual é possível verificá-las, conferindo-as com a realidade dos acontecimentos.*

2.5 Deus Vela Sobre Sua Palavra Para a Cumprir

As Escrituras frequentemente explicam que certas coisas vieram a acontecer com o propósito específico de *cumprir profecia*, de *cumprir o que está escrito*:

“Tudo isto, porém, aconteceu para que se cumprissem as Escrituras dos profetas. Então, os discípulos todos, deixando-o, fugiram.” — Mt 26.56 (ARA) [1]

Eminentemente, temos a visão da vara de amendoeira, dada a Jeremias: “**Veio ainda a palavra do Senhor, dizendo: Que vês tu, Jeremias? Respondi: vejo uma vara de amendoeira.**” Jr 1.11 (ARA) [1], e a resposta divina foi:

“Disse-me o Senhor: Viste bem, porque **eu velo sobre a minha palavra para a cumprir.**” — Jr 1.12 (ARA) [1]

Note-se que ‘velar’ significa: “permanecer de vigia, de sentinela” [5]. Assim, o Deus que está “**sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder**” Hb 1.3 (ARA) [1], que “**é antes de todas as coisas**” e no qual “**tudo subsiste**” Cl 1.17 (ARA) [1], permanece de sentinela para **cumprir** Sua Palavra!

Definição 7 (Princípio da Vigilância Divina à Sua Palavra). *Deus mantém constante vigilância à toda a sua Palavra, com o propósito de cumpri-la.*

2.6 Cumprimento Literal ou Alegórico?

Para que não haja qualquer dúvida sobre a firmeza do propósito Divino no cumprimento fiel de suas promessas e profecias, tem-se, no Livro de Deuteronômio — portanto na Lei, a profecia da vinda do profeta em cuja boca Deus colocaria Suas Palavras:

“**Suscitar-lhes-ei um profeta do meio de seus irmãos,**

semelhante a ti, em cuja boca porei as minhas palavras, e ele lhes falará tudo o que eu lhe ordenar.” — Dt 18.18 (ARA) [1]

A profecia é solene, tal que Deus continua:

“De todo aquele que não ouvir as minhas palavras, que ele falar em meu nome, disso lhe pedirei contas. Porém o profeta que presumir de falar alguma palavra em meu nome, que eu lhe não mandei falar, ou o que falar em nome de outros deuses, esse profeta será morto.” — Dt 18.19,20 (ARA) [1]

Aqui as implicações são seríssimas — vida ou morte! — Tal que se torna *absolutamente imperioso* distinguir adequadamente a Palavra do Senhor daquela de falsos profetas.

O texto segue, providencialmente, nesta exata direção: “Se disseres no teu coração: Como conhecerei a palavra que o Senhor não falou?” Dt 18.21 (ARA) [1], e a resposta divina *não deixa dúvidas*:

“**Sabe que**, quando esse profeta falar em nome do Senhor, e a palavra dele se **não cumprir, nem suceder, como profetizou**, esta é palavra que o Senhor **não disse**; com soberba, a falou o tal profeta; não tenhas temor dele.” — Dt 18.22 (ARA) [1]

Este é um cenário de apenas duas possibilidades: ou a profecia (i) é de Deus, ou ela (ii) não é. O texto sagrado aqui é *suficiente* para a determinação de todos os dois possíveis casos, pelo emprego da lógica mais elementar no entendimento do texto. Se uma possibilidade foi enunciada, sua *negação* leva, necessariamente, à outra.

Desta forma, tem-se que **a palavra que o Senhor diz cumpre-se COMO PROFETIZADA**, de acordo com Dt 18.22!

Elimina-se, efetivamente, qualquer possibilidade de interpretação alegorizada, diferente de como está escrito, de **como foi profetizado**.

Importa pontuar que a própria profecia do verso 18 cumpriu-se **LITERALMENTE** em Jesus Cristo:

“Não crês que eu estou no Pai e que o Pai está em mim? **As palavras que eu vos digo não as digo por mim mesmo; mas o Pai, que permanece em mim, faz as suas obras.**” — Jo 14.10 (ARA) [1]

Foi profetizado “**em cuja boca porei as minhas palavras**”, e cumpriu-se **como profetizado!**

E ainda, com relação ao que foi profetizado: “**ele lhes falará tudo o que eu lhe ordenar**”, temos o registro do cumprimento, em Jesus Cristo, assim:

“Então, lhes falou Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que **o Filho nada pode fazer de si mesmo, senão somente** aquilo que vir fazer o Pai; porque **tudo o que este fizer, o Filho também semelhantemente o faz.**” — Jo 5.19 (ARA) [1]

E ainda:

“E aquele que me enviou está comigo, não me deixou só, porque eu faço sempre o que lhe agrada.” — Jo 8.29 (ARA) [1]

Assim, pelas Escrituras, **profecia de Deus cumpre-se como foi profetizada**.

Definição 8 (Princípio do Cumprimento Como Profetizado). *Todas as profecias divinas cumprem-se da forma como foram profetizadas.*

Visto que somente Deus sabe *acertadamente* o futuro, temos por Corolário que **Ele não dá profecia de forma alegórica, com sentido oculto ou diferente do que está escrito**, pois esse tipo de manipulação maliciosa cabe a criaturas incapazes de prever acertadamente o futuro.

Corolário 1 (Cumprimento Como Profetizado). *Deus não dá profecia de forma alegórica, com sentido oculto e diferente do que está escrito.*

E ainda, de acordo com a Escritura: “**Na verdade, Deus não procede maliciosamente**” Jó 34.12 (ARA) [1], que juntamente com o Corolário 1, deriva-se:

Corolário 2 (Genuína Intenção de Deus). *Deus não procede maliciosamente, antes, genuinamente e sempre intenta exatamente o que diz.*

2.7 Da Tradição de Deus

As Escrituras mostram Deus revelando-se a si mesmo e o seu plano, *progressivamente*, ao longo da história humana. A *Torah*, ou, o *Pentateuco* — os cinco primeiros livros, de Moisés, de Gênesis a Deuteronômio — já mostra isso claramente.

Partindo de um: “**maldita é a terra por tua causa; em fadigas obterás dela o sustento durante os dias de tua vida**” Gn 3.17 (ARA) [1], observamos uma *forte tradição oral entre os descendentes de Adão*, pois Lameque diz, de seu filho Noé: “**Este nos**

consolará dos nossos trabalhos e das **fadigas** de nossas mãos, nesta **terra que o Senhor amaldiçoou.**” Gn 5.28,29 (ARA) [1]. Segundo as Escrituras em Gênesis 5, esta frase foi dita *126 anos após a morte de Adão*, ou *1056 anos após a Criação*.

Ainda, por causa de um *prometido* “**descendente**” da mulher, de Gn 3.15 (ARA) [1], observamos uma tradição de genealogias nas Escrituras em conexão com a humanidade, seguindo as revelações subsequentes feitas a Abraão, a Isaque, a Jacó, a Judá, a Davi, de Gênesis até “**Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão**” Mt 1.1 (ARA) [1].

Neste processo de formação de uma “tradição de Deus,” certos *elementos-chave, estabelecidos anteriormente*, viram *referências* em falas e revelações futuras, como no caso das “**fadigas**” e da “maldição da terra,” no exemplo da fala de Lameque.

Esta crescente “tradição de Deus,” com forte uso de *referências anteriores* permeia as Escrituras e é determinante para uma interpretação “segundo Deus,” de passagens adiante. Este ponto é importante, porque podemos ser tentados a empregar nossas definições, ao invés das de Deus, para termos-chave que aparecem depois, e assim errar, estando presumidos em nós mesmos, sem identificar a referência bíblica que está sendo feita “segundo Deus.”

Considere, por exemplo, a seguinte passagem:

“**atentando, diligentemente, por que ninguém seja faltoso, separando-se da graça de Deus; nem haja alguma raiz de amargura que, brotando, vos perturbe, e, por meio dela, muitos sejam contaminados;**” — Hb 12.15 (ARA) [1]

Seria esta uma exortação à não disseminação de sentimentos

de amargura? Talvez muitos, presumidos em si mesmos, concluam que sim, afinal o texto fala de “**raiz de amargura**”.

Porém, na tradição de Deus, o termo já possui definição, na Lei:

“para que, entre vós, não haja homem, nem mulher, nem família, nem tribo cujo **coração**, hoje, **se desvie do Senhor**, nosso Deus, e vá servir aos deuses destas nações; para que não haja entre vós **raiz que produza erva venenosa e amarga**,” — Dt 29.18 (ARA) [1]

Aplicando a tradição de Deus ao texto de Hb 12.15, torna sua exortação muito mais condizente, a saber: a não separar-se da graça de Deus nem seguir após outros falsos deuses, que pode contaminar a outros e perturbar o grupo.

Ora, o princípio da tradição de Deus é bíblico, pois Deus, através de Paulo, diz:

“Pois **tudo quanto, outrora, foi escrito para o nosso ensino foi escrito**, a fim de que, pela paciência e pela consolação das Escrituras, tenhamos **esperança**.” — Rm 15.4 (ARA) [1]

Aqui cabe acrescentar algo importante, para nós, que, diferentemente de outras épocas, temos *acesso* a toda a revelação, com os 66 livros da Bíblia: folhear a Bíblia é também uma espécie de ‘viajar no tempo’ e, tendo toda a Bíblia em mãos, devemos estar cientes da (i) natureza progressiva da revelação, e que, (ii) em cada época, as referências empregadas serviram para entendimento dos ouvintes, *à época*! Pois, “**Na verdade, Deus não procede maliciosamente**” Jó 34.12 (ARA) [1]; e assim, *não falaria uma coisa, querendo dizer outra, com um sentido futuro,*

ainda desconhecido da audiência a quem foi dirigida a Palavra!

3 Algumas Implicações

Há importantes implicações em se estudar profecia “segundo Deus,” conforme o que foi resumidamente demonstrado aqui neste estudo pelas Escrituras — o que, creio, seja reflexo e manifestação daquilo que está *firmemente e de fato* estabelecido nos céus, *no coração de Deus*, onde nenhuma criatura pode perscrutar, ou intrometer-se, ou opinar, ou questionar.

Estudar profecia “segundo Deus,” é reconhecer que Deus tem um plano *único* e estabelecido, segundo o conselho de Sua vontade, que este plano é *verdadeiramente* revelado nas Escrituras, as quais, vindas de um Deus fiel e verdadeiro, constituem-se em *promessas* nas quais devemos esperar, as quais, a seu devido tempo, fielmente *cumprir-se-ão*, tal que no futuro serão *verificáveis*, que aconteceram e sucederam *como profetizado!*

1. Pelo princípio bíblico da *unicidade*, servos de Jesus Cristo não deveriam tolerar a existência de múltiplas ‘teorias proféticas’ ou ‘linhas de interpretação escatológicas,’ pois Deus, que anuncia “o fim”, é o mesmo que exorta, através de Paulo, a que “*penseis a mesma coisa*” Fp 2.2 (ARA) [1].
2. Pelos princípios bíblicos da *veracidade de Deus*, das *profecias divinas como promessas*, da *verificabilidade das profecias*, de que *Deus vela sobre sua Palavra para a cumprir*, e que *profecia divina cumpre-se como profetizado*, quaisquer linhas de interpretação alegóricas de profecias, tal que passagens bíblicas não signifiquem o que nelas está escrito, jamais deveriam sequer ser consideradas, seja acadêmica

ou devocionalmente, por servos do Senhor Jesus Cristo. Pelo contrário, deveriam ser reprovadas e rejeitadas como pecado de rebelião contra o Senhor, nosso Deus e contra Sua Palavra!

3. Pelo princípio bíblico da *tradição de Deus* e de que *Deus não procede maliciosamente*, linhas e argumentos de interpretação que recorrem a passagens futuras para explicar termos-chave empregados em passagens anteriores, tal que seu significado torne-se inacessível à audiência da passagem anterior, devem ser rejeitados, por servos do Senhor Jesus Cristo, como manipulação indevida das Escrituras.

Como exemplo, ao estudar o discurso profético do Senhor Jesus em Mateus 24, no qual ele menciona os “**escolhidos**”, devemos buscar a definição do termo no Antigo Testamento, que era a Escritura de conhecimento dos ouvintes do Senhor Jesus em Mateus 24, de onde extrai-se: “**o Senhor, teu Deus, te escolheu, para que lhe fosses o seu povo próprio, de todos os povos que há sobre a terra.**” Dt 7.6 (ARA) [1], e, portanto, de onde se aprende que as referências aos “**escolhidos**” em Mateus 24, são todas referências ao povo de Deus, *Israel*.

Considere, igualmente, neste caso, o quão inadequado é buscar a definição do termo mais adiante, em Epístolas Paulinas, como em Romanos ou em Efésios, que nem ainda haviam sido escritas — e o próprio Paulo, nem ainda havia sido convertido para então ir pregar e escrever! Conclui-se, portanto, que o estudo de profecias conduzido “segundo Deus,” é sem malícia no trato com a tradição de Deus.

4 Conclusão

É visível na cristandade atual um estado indesejado de uma pluralidade de estudos escatológicos, todos supostamente bíblicos, mas que chegam a irreconciliáveis incompatibilidades nas suas conclusões.

Crendo que há uma forma “segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade” Ef 2.24 (ARA) [1] de proceder com estudos escatológicos, que levarão seus estudantes, pelo Espírito de Deus, “a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que hão de vir.” Jo 16.13 (ARA) [1], este estudo procurou identificar princípios bíblicos, deduzidos à partir das Escrituras, sob os axiomas de que as Escrituras são verdade e Palavra do único Deus verdadeiro; que sejam indispensáveis a estudos bíblicos proféticos “segundo Deus”.

Estudos bíblicos proféticos “segundo Deus” não violam nenhum dos princípios, e estudos nos quais *qualquer* um dos princípios é violado, *não pode ser considerado segundo Deus!*

Crê-se também que *qualquer* estudo Bíblico feito “segundo Deus” levará à *unidade da fé*, pois “o Espírito dá testemunho, porque o Espírito é a verdade. E três são as testemunhas: o Espírito, a água e o sangue, e os três concordam.” 1Jo 5.7,8 (PESH) [3].

Produção

Produzido com X_YLaTeX com fontes GaramondLibre, Juli-aMono.

Conflito de Interesses

O autor declara não haver conflito de interesse associado a este trabalho.

Agradecimentos

O autor não recebeu nenhum pagamento e/ou fomento específico na elaboração deste trabalho, sejam provenientes de setor público, privado ou sem fins lucrativos.

A YHWH Deus Pai, Filho e Espírito, seja a glória!

Referências

- [1] *A Bíblia Sagrada*. Sociedade Bíblica do Brasil, Barueri, SP, Brasil, traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada, 2^a ed. (ARA) edition, 1993.
- [2] *A Bíblia Sagrada Contendo o Velho e o Novo Testamento*. Sociedade Bíblica do Brasil, Brasília, DF, Brasil, traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. edição Revista e Corrigida (ARC) edition, 1995.
- [3] *Bíblia Peshitta em Português*. BV Books Editora, Niterói, RJ, Brasil, tradução dos Antigos Manuscritos Aramaicos (PESH) edition, 2018.
- [4] Anatole Bailly. *Dictionnaire Grec-Français*. Hachette, Paris, 2000.

- [5] Antônio Houaiss, Mauro de Salles Villar, and Francisco M. de M. Franco. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Objetiva, Rio de Janeiro, 1 edition, 2009.
- [6] Maria da Piedade Faria Maniatoglou. *Dicionário Grego-Português, Português-Grego*. Porto Editora, Porto, Portugal, 1997.